

CAMPANHA DE COMBATE À AIDS: PRÁTICAS DA LIGA ACADÊMICA DE INFECTOLOGIA NA CIDADE DE PELOTAS

RENATA VERNETTI GIUSTI¹; ALDRIO ALVES DA SILVA²; JOSÉ RICARDO GUIMARÃES DOS SANTOS JUNIOR³; SYLVIA MANCINI CHOER⁴; STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – renatavernettigiusti@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aldrio_alves@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – josericardog_jr@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – sylviamancini@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) foi reconhecida em meados de 1981, nos EUA, a partir da identificação de um número elevado de pacientes adultos do sexo masculino, homossexuais e moradores de São Francisco ou Nova York, que apresentavam Sarcoma de Kaposi, pneumonia por *Pneumocystis carinii* e comprometimento do sistema imune, o que levou à conclusão de que se tratava de uma nova doença, ainda não classificada, de etiologia provavelmente infecciosa e transmissível (BRASIL, 2012a). Porém com o passar do tempo, o perfil desses portadores foi mudando ao longo dos anos, sendo necessária a preocupação com todos a respeito da doença, independente da orientação sexual, gênero e idade.

Atualmente, a prevalência de pessoas vivendo com o Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida (HIV/AIDS) tem crescido drasticamente. Conforme boletim do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) e Organização Mundial de Saúde (OMS), até o final do ano de 2010 havia 34 milhões de pessoas vivendo com HIV (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2011).

No Brasil, os casos notificados da doença, de 2000 até 2012, totalizam 446318, dentre estes um grande número de mulheres e de maioria idosos. Ressalta que apesar dos avanços na medicina, “o preconceito e a discriminação contra as pessoas vivendo com HIV/AIDS ainda são as maiores barreiras no combate à epidemia, ao adequado apoio, à assistência e ao tratamento da AIDS e ao seu diagnóstico” (BRASIL, 2012b).

Quando outras instituições, neste caso a universidade, trabalham a prevenção e abrem espaços para discutir a respeito dessas doenças, permitem que a população tenha um olhar positivo sobre sexualidade e prevenção, elaborando assim seus próprios valores partindo de um pensamento crítico. Nos últimos anos muito se tem falado sobre sexo e AIDS, assim, dúvidas tem surgido sobre esses assuntos entre as pessoas, as quais devem ser sanadas de forma acessível e simples (BRASIL, 2000).

Em outubro de 1987, o dia 1º de dezembro foi nomeado “Dia Mundial de Luta Contra a AIDS” por uma decisão da Assembleia Mundial de Saúde, com apoio da Organização das Nações Unidas (ONU), quando também se instituiu Dezembro como o mês de combate mundial à AIDS, tendo como símbolo de campanha, o laço vermelho. Esta campanha tem por objetivo conscientizar a população sobre o vírus, a doença, focando na prevenção, mas também

informando sobre diagnóstico e tratamento. Outra estratégia da campanha é apelar à sensibilização da sociedade, buscando reforçar a solidariedade, tolerância, compaixão e compreensão com as pessoas infectadas, através da desmistificação, principalmente das formas de contágio, o que mantém as pessoas mais distantes dos infectados e criam estas barreiras sociais (BRASIL, 2012b).

Diante do exposto, o objetivo desse trabalho é relatar a realização de uma campanha que visou conscientizar quanto à prevenção, diagnóstico rápido e também fornecer esclarecimentos à população acerca do HIV/AIDS.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato da experiência de uma Campanha de Combate à AIDS realizada nos dias 29 e 30 de novembro no ano de 2014. Essa campanha teve como envolvidos os integrantes da Liga Acadêmica de Infectologia – a qual na época era constituída apenas de estudantes de medicina da Universidade Federal de Pelotas – e contou com a participação dos acadêmicos de Terapia Ocupacional e da Enfermagem. Além disso, houve o apoio de duas Organizações Não-Governamentais: A OSC (Organização da Sociedade Civil) GESTO, que visa dar apoio à pessoas portadoras do HIV e com AIDS, e a IFMSA (*International Federation of Medical Students Associations*/Federação Internacional de Associações de Estudantes de Medicina).

Nessa campanha determinou-se que o público-alvo seria os indivíduos disponíveis nos horários e nos locais pré-definidos, e esses deveriam ter 18 anos ou mais de idade. Além disso, para alcançar seus objetivos, foram realizadas capacitações com um médico infectologista e uma psiquiatra a fim de incrementar o conhecimento dos participantes, assim como retirar as dúvidas de como melhor abordar as pessoas para desmitificar tudo sobre o HIV e a AIDS.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A AIDS é uma síndrome que, embora tenha sido uma patologia muito expressiva na década de 90 – década em que houve a sua descoberta –, ainda é muito prevalente nos dias de hoje. Assim, há muita preocupação em torno da doença, o que faz com que exista uma grande propagação de informações, de diversas maneiras. Dentre elas, está a ação realizada na cidade de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, nas salas de espera de atendimentos, onde indivíduos que procuravam ajuda em relação às DST, foram informados por acadêmicos de medicina, acerca das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Logo, segundo ZAMBENEDETTI (2012), foi oferecido a esse público-alvo informações assim como a Campanha de Combate à AIDS através de estudantes da área da saúde.

Da mesma forma, ocorreu uma campanha em Pelotas, de combate à AIDS relacionado ao Carnaval no ano de 2003, em que houve a veiculação de mensagens nos principais meios de comunicação e teve como objetivo estimular o uso de preservativos entre a população brasileira (PORTO, 2005).

Assim, por existirem esses diversos disparadores de informações, de um assunto até então recorrente, foi possível observar na campanha em que realizamos, que a maioria das pessoas acreditavam que tinham conhecimento

acerca da doença; no entanto, os participantes questionavam a respeito de algo considerado por eles simples, como por exemplo, sobre as formas de transmissão do HIV, e muitas vezes respondiam de maneira errônea. Ao decorrer das informações novas sobre a AIDS, a população se mostrava surpresa e satisfeita com as abordagens feitas na campanha, até então desconhecidas para eles e, muitas vezes, agradeciam pelo tempo em que estava sendo disposto pelos acadêmicos, para o esclarecimento de dúvidas.

No que diz respeito ao público abordado, a maioria era indivíduos jovens, entre 25 e 30 anos, sendo as mulheres aquelas que mais dialogavam com os estudantes, enquanto que os homens foram aqueles que mais apresentaram dúvidas em relação ao teste rápido para o HIV e também foram mais interessados na aquisição do preservativo durante a campanha. Ambos tiveram uma boa participação em ambos os locais, com poucas recusas quanto à abordagem comparadas ao total do número de indivíduos abordados pelos acadêmicos nesses dois dias de ação. Além disso, houve um interesse surpreendente por parte desses indivíduos, os quais se mostravam com diversas perguntas sobre o HIV e a AIDS e enriqueceram a conversa com histórias e relatos relacionados ao assunto.

4. CONCLUSÕES

A Campanha de Combate à AIDS foi uma forma de fornecer à população todo o conhecimento adquirido ao longo das atividades na Liga de Acadêmica de Infectologia, assim como nas capacitações da campanha. Dessa forma, a campanha desmitificou diversas associações errôneas que a população faz em relação às formas de transmissão, por exemplo, com o intuito de, além de fornecer informações à própria prevenção, abolir o preconceito que as pessoas portadoras do HIV sofrem em virtude do desconhecimento da população sobre essa condição.

Assim, foi visto que ainda há muito a se fazer em torno disso, como através de campanhas, palestras, seminários, com o intuito de melhorar não só o conhecimento da população acerca da AIDS, mas também a qualidade de vida das pessoas portadoras dessa patologia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Boletim Epidemiológico AIDS- DST, versão preliminar**. Ministério da Saúde: Brasília, Dez. 2012a. Online. Disponível em: <www.portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/arquivos/bolepi_vol_43_n1.pdf> Acesso em: 20 Jul. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Brasil celebra o Dia Mundial de Combate à Aids com boas notícias**. Ministério da Saúde: Brasília, Dez. 2012b. Acessado em 23 Jul. 2015. Online. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2012/04_dez_dia_luta_aids.html>

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. **Manual do multiplicador: adolescente / Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de**

DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. Disponível em:<http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/1997/54821/_p_manual_do_multiplicador_adolescente_p__12053.pdf > Acesso em: 20 Jul. 2015.

PORTO, Mauro Pereira. Lutando contra a AIDS entre meninas adolescentes: os efeitos da Campanha de Carnaval de 2003 do Ministério da Saúde do Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1234-1243, 2005.

ZAMBENEDETTI, Gustavo. Sala de espera como estratégia de educação em saúde no campo da atenção às doenças sexualmente transmissíveis. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 1075-1086, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Boletim Epidemiológico AIDS- DST, versão preliminar.** Ministério da Saúde: Brasília, Dez. 2012. Online. Disponível em: <www.portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/arquivos/bolepi_vol_43_n1.pdf > Acesso em: 20 Jul. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. **Manual do multiplicador: adolescente / Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids.** Brasília: Ministério da Saúde, 2000. Disponível em:<http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/1997/54821/_p_manual_do_multiplicador_adolescente_p__12053.pdf > Acesso em: 20 Jul. 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO and UNAIDS. **Boletim Epidemiológico AIDS** – Secretaria de Vigilância em Saúde, Coordenação Nacional DST/AIDS, Ministério da Saúde do Brasil, 2011.